



1.º down Escolhido pelos Denver Broncos no draft de 2010, por lá ficou duas épocas. Acabou trocado. (2010–11)



2.º down Contratado pelos New York Jets, onde mal jogou. Acabou dispensado no final da época. (2012)



3.º down O treinador dos New England Patriots tentou dar-lhe uma terceira hipótese. Sem sorte. (2013)



4.º down Contra as expectativas, assina em Abril contrato por um ano com os Philadelphia Eagles. (2015)

Chegou à NFL em 2010 como estrela, um circo mediático atrás de si e um contrato milionário, graças aos recordes que acumulou e às suas crenças religiosas, que o levaram a passar vários Verões como missionário nas Filipinas. Todos queriam saber tudo de Tim Tebow. Mas o “tudo” foi outro: correu tudo mal e a carreira foi a pique. Em 2013 já era um mero comentador. Agora, sem ninguém prever, assinou contrato com os Philadelphia Eagles para a época que aí vem, sendo este regresso à NFL, tal como numa jogada de futebol americano, a quarta e última oportunidade. E não será fácil: vai começar lá atrás, com outros quarterbacks (QB) à frente na corrida pela titularidade. Longe vão os tempos de melhor jogador universitário, período em que construiu uma carreira digna de ser apontada como a “next big thing” da NFL.

Tebow nasceu em 1987 nas Filipinas, onde os seus pais, missionários baptistas, estavam em missão. Durante a gravidez, a mãe teve disenteria amebiana e os médicos sugeriram o aborto. Os pais recusaram e a 14 de Agosto nascia em Manila Tim Tebow, o mais novo de cinco irmãos. Por opção dos pais, Tim fez o percurso escolar em casa, algo que seria um entrave à carreira desportiva não fosse a primeira de duas leis que foram rotuladas de “Tebow Rule”: em 1996, o estado da Florida passou uma lei que permitia que todos os “homeschooled” pudessem participar nas equipas escolares da zona de residência, o que lhe deu acesso à equipa da Trinity Christian Academy, em Jacksonville, onde então já vivia. Nesta equipa, porém, o lugar de QB estava ocupado, tendo Tebow mudado de casa para entrar na equipa da Secundária de Allen D. Nease. E foi aqui que tudo começou: logo na primeira época foi jogador do ano da Florida e os olheiros não mais o largaram. O seu estilo de QB era único, bom a passar e excelente a correr. Na última temporada no secundário ganhou o estadual, foi nomeado para a equipa do ano e ganhou o segundo “Florida Player of the Year” – isto num adolescente que dedicava os Verões a trabalho missionário nas Filipinas, no orfanato fundado pelo pai. Tudo isto conjugado levou a um crescente interesse em Tebow, tendo este sido alvo de uma reportagem da ESPN em 2005: “The Chosen One” era o título. Os *media* já estavam atentos e o sucesso a nível universitário só despertou mais atenção. Em 2006 foi para os Gators, da Universidade da Florida, onde só no ano seguinte seria titular. Nessa época bateu vários recordes – registos, no entanto, estranhos para um QB, como o de jogador que mais touchdowns marcou em corrida numa época e num só jogo. Mas a função de um quarterback não é passar a bola? É. Mas Tebow nunca foi um QB tradicional, apostando (muito) mais que o normal na corrida. Com todos os recordes de 2007, tornou-se o primeiro aluno de segundo ano a ganhar o Heisman Trophy – jogador universitário do ano. O seu estilo de jogo fez com que passasse a ser visto como o protótipo de QB do futuro, pois confundia bastante as defesas, que dificilmente adivinhavam se ia correr ou passar. O seu percurso e números iam também abafando as vozes dos que iam apontando as suas limitadas capacidades de passe. Tim Tebow foi QB dos Gators de 2007 a 2010, acumulando dois títulos nacionais, 145 touchdowns em 55 jogos e cinco

recordes nacionais, 14 de conferência e 28 da sua universidade. No último ano como universitário veio a segunda “Tebow Rule”: o QB sempre fez questão de levar a sua religiosidade para o campo, escrevendo versículos na graxa que punha por baixo dos olhos. Como na final de 2009, quando escreveu “João 3:16”. Nessa noite, o Google registou 92 milhões de procuras pelo versículo – não é por acaso que Tebow foi eleito um dos cristãos mais influentes dos EUA, ao lado de Chuck Norris. No ano seguinte, a NCAA, federação de desporto universitário, proibiu inscrições na graxa. Dado o seu registo até então, o salto de Tebow para a NFL foi natural. Mas a transição foi dura pois, ainda antes de ser escolhido, já era alvo de discórdia: muitos viam nas suas limitações de passe razão para Tebow não ter lugar junto dos profissionais; outros garantiam que ele ia revolucionar o desporto. Os anos deram razão aos primeiros. Foi seleccionado pelos Denver Broncos na 25.ª escolha da primeira ronda do draft e foi um sucesso... comercial: bateu o recorde de camisolas vendidas ainda antes de a época começar. Passada a euforia e os estágios, a temporada começou e nada de Tebow. “Jogará quando estiver pronto”, disse o treinador sobre o jogador que, dada a sua carreira universitária, assinou um contrato milionário de 11,25 milhões de dólares garantidos que podiam chegar a 33 milhões se atingisse certos objectivos. A estreia na NFL deu-se em Outubro de 2010, entrando como suplente e marcando um touchdown em

corrida. O primeiro passe para touchdown viria em Novembro, naquele que também foi o seu primeiro passe na NFL. A estreia como titular chegaria só em Dezembro e, embora a derrota e os números que conseguiu no jogo não fossem dignos de um super QB, com 50% de passes certos para 138 jardas, certo é que bateu logo um recorde: marcou numa jogada em que correu 40 jardas, o touchdown mais longo feito por um QB dos Broncos em corrida.

A época chegaria ao fim tendo Tebow participado em seis jogos como suplente e a titular em três. Mas a tal falta de precisão nos passes foi “o” tema de toda a offseason.

No ano seguinte, em 2011, Tebow voltou a não agarrar a titularidade, mas o mau começo da equipa (1 vitória e 4 derrotas) trouxe a liberdade de arriscar, já que pouco havia a perder. No regresso à titularidade, e depois de três quartos do jogo sem fazer grande coisa, Tebow conseguiu dar a volta ao jogo com os Miami Dolphins, de 0–15 para 18–15. Mas o seu estilo de jogo continuava igual: ganhava quase mais jardas a correr do que a passar e os passes não eram dos mais exactos. Ainda assim, levou os Broncos aos playoffs.

Na fase a eliminar, a equipa de Denver perdeu no segundo jogo. A época terminava e os números não perdoaram Tebow: foi o QB com o mais baixo rácio de passes certos de toda a liga. As dúvidas já eram certas e o destino intrometeu-se. Peyton Manning, icónico QB dos Colts já com 36 anos, tinha passado a época lesionado e a equipa de Indianapolis desistiu dele, já que no draft garantiram a “rising star” Andrew Luck. Manning foi para os Broncos e Tebow perdeu espaço. A partir daqui, a queda acentuou-se. Os Broncos trocaram Tebow para os New York Jets, donos de um QB inconsistente, Mark Sánchez.

O treinador dos Jets prometeu um lugar especial a Tebow, mas nada disso aconteceu. Foi dispensado no final da época. “The end”, escreveu-se então. Mas nem todos desistiram da superestrela universitária, caso dos New England Patriots, cuja posição de QB era (e é) do incontestável Tom Brady. Foi fazer a pré-época com os Patriots, tomou parte em dois jogos – treino mas nada de passes ao nível de um QB da NFL. Ainda antes de a época de 2013 começar, Tebow foi despedido. “The end”, voltou a dizer-se. Assinou contrato para ser comentador de televisão e pronto, a sua carreira iria ser essa. Mas ao contrário do baseball, no futebol americano não são três as oportunidades, mas quatro. E Tebow não esqueceu esse pormenor. A notícia caiu que nem uma bomba esta pré-época: no mês passado, Tim Tebow foi integrado no plantel dos Eagles, com contrato por um ano. O QB caído em desgraça foi primeiro chamado para alguns treinos e o que os responsáveis viram foi suficiente para o querer na pré-época. Porquê? Como? Onde? A explicação veio depois: mesmo afastado de três equipas da NFL, Tebow nunca desistiu de si. Aproveitando o ocaso mediático, contratou Tom House, treinador pessoal de Tom Brady, e passou os últimos dois anos em rigorosos treinos privados. Este ano, House declarou-o apto para a NFL. Resiliência e determinação não lhe faltam, isso é certo. Menos certo é o futuro: os Eagles têm no seu plantel cinco QB e 68 jogadores e, até ao início da época, este número tem de ser reduzido para 53. Ficar neste grupo será o primeiro de muitos desafios que Tebow terá agora de superar. ❧